



# CONRAD FERDINAND MEYER. VINTE POEMAS EM TRADUÇÃO LITERAL

CONRAD FERNINAND MEYER. TWENTY POEMS IN A LITERAL  
TRANSLATION

Poemas disponíveis em:  
<[http://gutenberg.spiegel.de/  
buch/gedichte-9570/1](http://gutenberg.spiegel.de/buch/gedichte-9570/1)>.

Conrad Ferninand Meyer  
Tradução por:  
Dionei Mathias\*

\* dioneimathias@gmail.com  
Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da  
Universidade Federal de Santa Maria. Doutor Letras pela Universidade  
de Hamburgo e Universidade Federal do Paraná.

## FÜLLE

Genug ist nicht genug! Gepriesen werde  
Der Herbst! Kein Ast, der seiner Frucht entbehrte!  
Tief beugt sich mancher allzu reich beschwerte,  
Der Apfel fällt mit dumpfem Laut zur Erde.

Genug ist nicht genug! Es lacht im Laubel!  
Die saftge Pfirsche winkt dem durstgen Munde!  
Die trunknen Wespen summen in die Runde:  
»Genug ist nicht genug!« um eine Traube.

Genug ist nicht genug! Mit vollen Zügen  
Schlürft Dichtergeist am Borne des Genusses,  
Das Herz, auch es bedarf des Überflusses,  
Genug kann nie und nimmermehr genügen!

## PLENITUDE

Suficiente não é suficiente! Louvado seja  
O outono! Nenhum galho que careça de seu fruto!  
Fundo pendem alguns dos muito ricamente carregados  
A maçã cai com som surdo à terra.

Suficiente não é suficiente! Ri-se na folhagem!  
O pêssego suculento acena à boca sedenta!  
As abelhas ébrias zumbem no ambiente:  
“Suficiente não é suficiente!” em volta de uma uva.

Suficiente não é suficiente! Com grandes goles  
Sorve o espírito do poeta na fonte do prazer,  
O coração, também ele precisa da abundância,  
Suficiente nunca e jamais poderá satisfazer!

**SCHWARZSCHATTENDE KASTANIE**

Schwarzschantende Kastanie  
 Mein windgeregtes Sommerzelt,  
 Du senkst zur Flut dein weit Geäst  
 Dein Laub es durstet und es trinkt,  
 Schwarzschantende Kastanie!  
 Im Porte badet junge Brut  
 Mit Hader oder Lustgeschrei  
 Und Kinder schwimmen leuchtend weiss  
 Im Gitter deines Blätterwerks,  
 Schwarzschantende Kastanie!  
 Und dämmern See und Ufer ein  
 Und rauscht vorbei das Abendboot,  
 So zuckt aus roter Schiffslatern  
 Ein Blitz und wandert auf dem Schwung  
 Der Flut, gebrochnen Lettern gleich,  
 Bis unter deinem Laub erlischt  
 Die rätselhafte Flammenschrift,  
 Schwarzschantende Kastanie!

**CASTANHEIRA QUE ENSOMBRA NEGRAMENTE**

Castanheira que ensombra negramente!  
 Minha tenda de verão animada pelo vento,  
 Tu pendes à torrente tua larga galhada  
 Tua folhagem, ela tem sede e ela bebe,  
 Castanheira, ensombrando negramente!  
 No porto se banha jovem ninhada  
 Com briga ou com gritos de alegria  
 E crianças nadam num branco luminoso  
 Na grade de tua folhagem,  
 Castanheira que ensombra negramente!  
 E tomados pelo crepúsculo lago e margem,  
 Passa rumorejando o barco da noite,  
 Então estremece da lanterna vermelha de navio  
 Um raio e caminha pelo impulso  
 Da torrente, parecido com letras quebradas,  
 Até que sob tua folhagem se apague  
 A enigmática escrita em chamas,  
 Castanheira que ensombra negramente!

**NACHTGERÄUSCHE**

Melde mir die Nachtgeräusche, Muse,  
 Die ans Ohr des Schlummerlosen fluten!  
 Erst das traute Wachtgebell der Hunde,  
 Dann der abgezählte Schlag der Stunde,  
 Dann ein Fischer-Zwiegespräch am Ufer,  
 Dann? Nichts weiter als der ungewisse  
 Geisterlaut der ungebrochenen Stille,  
 Wie das Atmen eines jungen Busens,  
 Wie das Murmeln eines tiefen Brunnens,  
 Wie das Schlagen eines dumpfen Ruders,  
 Dann der ungehörte Tritt des Schlummers.

**RUÍDOS DA NOITE**

Reporta a mim os ruídos da noite, Musa,  
 Que ao ouvido do insone afluem!  
 Primeiro o familiar latido de guarda dos cães,  
 Então a batida contada da hora,  
 Então um diálogo de pescadores à margem,  
 Então? Nada mais que o incerto  
 Som de espíritos do silêncio inquebrantável,  
 Como o respirar de um jovem peito,  
 Como o sussurrar de um poço profundo,  
 Como o bater surdo de um remo,  
 Então a pisada inaudita do sono.

**UNTER DEN STERNEN**

Wer in der Sonne kämpft, ein Sohn der Erde,  
 Und feurig geißelt das Gespann der Pferde,  
 Wer brünstig ringt nach eines Zieles Ferne,  
 Von Staub umwölkt – wie glaubte der die Sterne?

Doch das Gespann erlahmt, die Pfade dunkeln,  
 Die ewgen Lichter fangen an zu funkeln,

Die heiligen Gesetze werden sichtbar.  
 Das Kampfgeschrei verstummt. Der Tag ist richtbar.

**SOB AS ESTRELAS**

Quem sob o sol luta, um filho da terra,  
 E abrasadamente flagela a parelha dos cavalos,  
 Quem apaixonadamente luta pela distância do destino,  
 Pelo pó anuviado – como esse acreditou serem as estrelas?

Mas a parelha afrouxa, o trilho escurece,  
 As luzes eternas começam a cintilar,

As sagradas leis se tornam visíveis.  
 O grito de luta se cala. O dia é direcionável.

**DER MARMORKNABE**

In der Capuletti Vigna graben  
Gärtner, finden einen Marmorknaben,  
Meister Simon holen sie herbei,  
Der entscheide, welcher Gott es sei.

Wie den Fund man dem Gelehrten zeigte,  
Der die graue Wimper forschend neigte,  
Kniet' ein Kind daneben: Julia,  
Die den Marmorknaben finden sah.

»Welches ist dein süsster Name, Knabe?  
Steig ans Tageslicht aus deinem Grabe!  
Eine Fackel trägst du? Bist beschwingt?  
Amor bist du, der die Herzen zwingt?«

Meister Simon, streng das Bild betrachtend,  
Eines Kindes Worte nicht beachtend,  
Spricht: »Er löscht die Fackel. Sie verloht,  
Dieser schöne Jüngling ist der Tod.«

**O MENINO DE MÁRMORE**

No vinhedo dos Capuleto cavam  
Jardineiros, encontram um menino de mármore,  
Mestre Simon eles buscam para lá,  
Ele que decida que Deus seria esse.

Quando o achado foi mostrado ao estudioso,  
Que suas pestanas cinzentas curvou investigando,  
Ajoelhou-se uma criança ao lado: Julieta,  
Que viu o menino de mármore ser encontrado.

“Qual é teu doce nome, menino?  
Sobe de tua tumba à luz do dia!  
Uma tocha tu carregas? És alado?  
Cupido tu és, que domina os corações?”

Mestre Simon, a imagem contemplando rigorosamente,  
Não considerando as palavras de uma criança,  
Fala: “Ele apaga a tocha. Ela esmorece,  
Esse belo jovem é a morte.”

**EINGELEGTE RUDER**

Meine eingelegten Ruder triefen,  
Tropfen fallen langsam in die Tiefen.

Nichts, das mich verdross! Nichts, das mich freute!  
Niederrinnt ein schmerzenloses Heute!

Unter mir – ach, aus dem Licht verschwunden –  
Träumen schon die schönern meiner Stunden.

Aus der blauen Tiefe ruft das Gestern:  
Sind im Licht noch manche meiner Schwestern?

**REMOS RECUADOS**

Meus remos recuados estão pingando,  
Pingos caem lentamente nas profundezas.

Nada que me aborrecesse! Nada que me alegrasse!  
Escorre o hoje indolor!

Abaixo de mim – ah, desaparecidas da luz –  
Sonham já as mais belas das minhas horas.

Da profundez azul chama o ontem:  
Estão na luz ainda algumas de minhas irmãs?

**ABENDROT IM WALDE**

In den Wald bin ich geflüchtet,  
 Ein zu Tod gehetztes Wild,  
 Da die letzte Glut der Sonne  
 Längs den glatten Stämmen quillt.

Keuchend lieg ich. Mir zu Seiten  
 Blutet, siehe, Moos und Stein -  
 Strömt das Blut aus meinen Wunden?  
 Oder ists der Abendschein?

**ARREBOL NA FLORESTA**

Para a floresta eu fugi,  
 Um animal selvagem acochado até a morte,  
 Quando a última brasa do sol  
 Há muito brota dos lisos troncos.

Ofegante estou deitado. A meu lado  
 Sangra, vê, musgo e pedra -  
 Flui o sangue de minhas feridas?  
 Ou é o brilho do anoitecer?

**DER VERWUNDETE BAUM**

Sie haben mit dem Beile dich zerschnitten,  
 Die Frevler – hast du viel dabei gelitten?  
 Ich selber habe sorglich dich verbunden  
 Und traue: Junger Baum, du wirst gesunden!  
 Auch ich erlitt zu schier derselben Stunde  
 Von schärferm Messer eine tiefe Wunde.  
 Zu untersuchen komm ich deine täglich,  
 Und meine fühl ich brennen unerträglich.  
 Du saugest gierig ein die Kraft der Erde,  
 Mir ist, als ob auch ich durchrieselt werde!  
 Der frische Saft quillt aus zerschnittner Rinde  
 Heilsam. Mir ist, als ob auch ichs empfinde!  
 Indem ich deine sich erfrischen fühle,  
 Ist mir, als ob sich meine Wunde kühle!  
 Natur beginnt zu wirken und zu weben,  
 Ich traue: Beiden geht es nicht ans Leben!  
 Wie viele, so verwundet, welkten, starben!  
 Wir beide prahlen noch mit unsern Narben!

**A ÁRVORE FERIDA**

Com o machado eles te cortaram,  
 Os sacrílegos – tu sofreste muito nisso?  
 Eu mesmo cuidadosamente te enfaixei  
 E confia: Jovem árvore, tu vais ficar bem!  
 Também eu sofri na exata mesma hora  
 De faca mais afiada uma ferida mais profunda.  
 Para examinar eu venho a tua diariamente,  
 E minha sinto queimar insuportavelmente.  
 Tu sugas avidamente a força da terra,  
 Me é como se também eu fosse perpassado!  
 A seiva fresca brota da casca cortada  
 Salutarmente. Me é como se também eu o sentisse!  
 Ao sentir a tua se renovar,  
 Me é como se minha ferida se abrandasse!  
 Natureza começa a fazer efeito e tecer,  
 Eu confio: A ambos não se ataca a vida!  
 Quantos, tão feridos, murcharam, morreram!  
 Nós dois ainda jactamos com nossas cicatrizes!



**SCHWÜLE**

Trüb verglomm der schwüle Sommertag  
 Dumpf und traurig tönt mein Ruderschlag –  
 Sterne, Sterne – Abend ist es ja –  
 Sterne, warum seid ihr noch nicht da?

Bleich das Leben! Bleich der Felsenhang!  
 Schilf, was flüsterst du so frech und bang?  
 Fern der Himmel und die Tiefe nah –  
 Sterne, warum seid ihr noch nicht da?

Eine liebe, liebe Stimme ruft  
 Mich beständig aus der Wassergruft –  
 Weg, Gespenst, das oft ich winken sah!  
 Sterne, Sterne, seid ihr nicht mehr da?

Endlich, endlich durch das Dunkel bricht –  
 Es war Zeit! – ein schwaches Flimmerlicht –  
 Denn ich wusste nicht, wie mir geschah.  
 Sterne, Sterne, bleibt mir immer nah!

**MORMAÇO**

Sombriamente foi se apagando o abafado dia de verão  
 Surda e triste soa minha batida de remo –  
 Estrelas, estrelas – Já é noite –  
 Estrelas, por que ainda não estão aí?

Pálida a vida! Pálida a encosta das rochas!  
 Caniço, o que sussurras tão atrevida e temerosamente?  
 Distante o céu e próxima a profundidade –  
 Estrelas, por que ainda não estão aí?

Uma amável, amável voz chama  
 A mim constantemente da cripta aquática –  
 Fora, fantasma, que muitas vezes vi acenar!  
 Estrelas, estrelas, não estão mais aí?

Finalmente, finalmente pelo escuro irrompe –  
 Era tempo! – uma fraca luz tremelicante –  
 Pois eu não sabia o que estava acontecendo comigo.  
 Estrelas, estrelas, fiquem sempre perto!

**IM SPÄTBOOT**

Aus der Schiffsbank mach ich meinen Pfühl.  
 Endlich wird die heisse Stirne kühl!  
 O wie süß erkaltet mir das Herz!  
 O wie weich verstummen Lust und Schmerz!  
 Über mir des Rohres schwarzer Rauch  
 Wiegt und biegt sich in des Windes Hauch.  
 Hüben hier und wieder drüben dort  
 Hält das Boot an manchem flachen Port:  
 Bei der Schiffslaterne kargem Schein  
 Steigt ein Schatten aus und niemand ein.  
 Nur der Steurer noch, der wacht und steht!  
 Nur der Wind, der mir im Haare weht,  
 Schmerz und Lust erleiden sanften Tod.  
 Einen Schlummrer trägt das dunkle Boot.

**NO ÚLTIMO BARCO**

Do banco do navio faço meu travesseiro.  
 Finalmente a testa quente esfria!  
 Oh quão docemente me arrefece meu coração!  
 Oh quão suavemente se calam prazer e dor!  
 Acima de mim a fumaça preta do cano  
 Se embala e se verga no sopro do vento.  
 Mais para aqui e novamente mais para lá  
 O barco para em algum porto plano:  
 No brilho parco da lanterna do navio  
 Desembarca uma sombra e ninguém embarca.  
 Só o capitão ainda, ele cuida e está de pé!  
 Só o vento que me sopra no cabelo,  
 Dor e prazer sofrem uma morte suave.  
 Um dorminhoco carrega o barco escuro.

**DER RÖMISCHE BRUNNEN**

Aufsteigt der Strahl und fallend gießt  
 Er voll der Marmorschalen Rund,  
 Die sich verschleiernd, überfließt  
 In einer zweiten Schale Grund;  
 Die zweite gibt, sie wird zu reich,  
 Der Dritten wallend ihre Flut,  
 Und jene nimmt und gibt zugleich,  
 Und strömt und ruht.

**AS FONTES ROMANAS**

Se ergue o jato e caindo despeja  
 Enchendo as bacias de mármore até a borda,  
 Que se encobrindo com um véu, transborda  
 No fundo de uma segunda bacia;  
 A segunda dá, ela se torna rica demais,  
 À terceira ondeando sua torrente,  
 E aquela aceita e dá ao mesmo tempo,  
 E flui e descansa.

**ERNTGEWITTER**

Ein jäher Blitz. Der Erntewagen schwankt.  
 Aus seinen Garben fahren Dirnen auf  
 Und springen schreiend in die Nacht hinab.  
 Ein Blitz. Auf einer goldnen Garbe thront  
 Noch unvertrieben eine frevle Maid,  
 Der das gelöste Haar den Nacken peitscht.  
 Sie hebt das volle Glas mit nacktem Arm,  
 Als brächte sie's der Glut, die sie umflammt,  
 Und leerts auf einen Zug. Ins Dunkel wirft  
 Sie's weit und gleitet ihrem Becher nach.  
 Ein Blitz. Zwei schwarze Rosse bäumen sich.  
 Die Peitsche knallt. Sie ziehen an. Vorbei.

**TEMPESTADE DE COLHEITA**

Um raio repentino. A carroça de colheita balança.  
 De seus feixes da colheita levantam raparigas  
 E pulam, gritando, para a noite adentro.  
 Um raio. Num feixe dourado reina,  
 Ainda não expulsa, uma sacrílega moça,  
 Cujo cabelo desfeito chicoteia a nuca.  
 Ela levanta o copo cheio com braço nu,  
 Como se o trouxesse à brasa que arde em volta dela,  
 E o esvazia de um gole. Ao escuro e ao longe  
 Ela o joga, e desliza atrás de seu copo.  
 Um raio. Dois cavalos pretos se empinam.  
 O chicote estala. Eles puxam. Passou.

**DIE FELSWAND**

Feindselig, wildzerrissen steigt die Felswand.  
 Das Auge schrickt zurück. Dann irrt es unstät  
 Daran herum. Bang sucht es, wo es hafte.  
 Dort! über einem Abgrund schwebt ein Brücklein  
 Wie Spinnweb. Höher um die scharfe Kante  
 Sind Stapfen eingehaun, ein Wegesbruchstück!  
 Fast oben ragt ein Tor mit blauer Füllung:  
 Dort klimmt ein Wanderer zu Licht und Höhe!  
 Das Aug verbindet Stiege, Stapfen, Stufen.  
 Es sucht. Es hat den ganzen Pfad gefunden,  
 Und gastlich, siehe, wird die steile Felswand.

**O PENHASCO**

Hostil, selvagemmente cortado se eleva o penhasco.  
 O olho se assusta retrocedendo. Então erra agitadamente  
 Em volta dele. Amedrontado procura onde possa se fixar.  
 Lá! Sobre um precipício paira um pontilhão  
 Como uma teia de aranha. Mais alto, pela borda brusca  
 Há pisadas esculpidas, um fragmento de caminho!  
 Quase em cima se ergue um portal com conteúdo azul:  
 Lá escala um viandante para luz e altura!  
 O olho conecta escada, pisada e degrau.  
 Procura. Achou o trilho todo,  
 E hospitaleira, veja, se torna a íngreme parede de rochas.

**AUF GOLDGRUND**

Ins Museum bin zu später  
 Stunde heut ich noch gegangen,  
 Wo die Heiligen, wo die Beter  
 Auf den goldnen Gründen prangen.

Dann durchs Feld bin ich geschritten  
 Heisser Abendglut entgegen,  
 Sah, die heut das Korn geschnitten,  
 Garben auf die Wagen legen.

Um die Lasten in den Armen,  
 Um den Schnitter und die Garbe  
 Floss der Abendglut, der warmen,  
 Wunderbare Goldesfarbe.

Auch des Tages letzte Bürde,  
 Auch der Fleiss der Feierstunde  
 War umflammt von heilger Würde  
 Stand auf schimmernd goldnem Grunde.

**SOBRE BASE DOURADA**

Ao museu, em tarde  
 Hora hoje eu ainda fui,  
 Onde os santos, onde os devotos  
 Sobre bases douradas brilham.

Então pelo campo andei  
 Em direção à quente brasa noturna,  
 Vi, os que hoje cortaram o grão,  
 Os feixes colocar na carroça.

Em volta dos fardos nos braços,  
 Em volta do ceifador e do feixe  
 Fluía a brasa noturna, a quente,  
 Maravilhosa cor de ouro.

Também a última carga do dia,  
 Também o esforço da hora do descanso  
 Estava envolvido pela brasa de sagrada dignidade  
 Estava sobre uma brilhante base dourada.

**ABENDWOLKE**

So stille ruht im Hafen  
 Das tiefe Wasser dort,  
 Die Ruder sind entschlafen,  
 Die Schifflin sind im Port.

Nur oben in dem Äther  
 Der lauen Maiennacht  
 Dort segelt noch ein später  
 Friedfertger Ferge sacht.

Die Barke still und dunkel  
 Fährt hin in Dämmerchein  
 Und leisem Sterngefunkel  
 Am Himmel und hinein.

**NUVEM NOTURNA**

Tão quieto descansa no porto  
 A profunda água lá,  
 Os remos adormeceram,  
 Os barquinhos estão no porto.

Somente acima no éter  
 Da tépida noite de maio  
 Lá veleja ainda um tardio  
 Pacífico navegador mansamente.

A barca silenciosa e escura  
 Viaja, no brilho do crepúsculo  
 E em baixinho fagulhar das estrelas  
 No céu e para dentro.

**MEIN JAHR**

Nicht vom letzten Schlittengleise  
 Bis zum neuen Flockentraum  
 Zähl ich auf der Lebensreise  
 Den erfüllten Jahresraum.

Nicht vom ersten frischen Singen,  
 Das im Wald geboren ist,  
 Bis die Zweige wieder klingen,  
 Dauert mir die Jahresfrist.

Von der Kelter nicht zur Kelter  
 Dreht sich mir des Jahres Schwung,  
 Nein, in Flammen werd ich älter  
 Und in Flammen wieder jung.

Von dem ersten Blitze heuer,  
 Der aus dunkler Wolke sprang,  
 Bis zu neuem Himmelsfeuer  
 Rechn ich meinen Jahresgang.

**MEU ANO**

Não do último trilho do trenó  
 Até o novo sonho de flocos  
 Conto eu na viagem da vida  
 O espaço do ano realizado.

Não do primeiro fresco cantar  
 Que na floresta nasceu  
 Até que os galhos voltem a soar  
 Me demora o prazo do ano.

Do lagar não ao lagar  
 Gira para mim o impulso do ano,  
 Não, em chamas fico mais velho  
 E em chamas novamente jovem.

Do primeiro raio deste ano  
 Que de nuvem escura irrompeu  
 Até novo fogo celestial  
 Conto meu passar do ano.



**AUF DEM CANALE GRANDE**

Auf dem Canal grande betten  
Tief sich ein die Abendschatten,  
Hundert dunkle Gondeln gleiten  
Als ein flüsterndes Geheimnis.

Aber zwischen zwei Palästen  
Glüht herein die Abendsonne,  
Flammend wirft sie einen grellen  
Breiten Streifen auf die Gondeln.

In dem purpurroten Lichte  
Laute Stimmen, hell Gelächter,  
Überredende Gebärden  
Und das frevle Spiel der Augen.

Eine kleine, kurze Strecke  
Treibt das Leben leidenschaftlich  
Und erlischt im Schatten drüben  
Als ein unverständlich Murmeln.

**NO CANAL GRANDE**

No Canal Grande se acamam  
Profundamente as sombras da noite,  
Mil escuras gôndolas deslizam  
Como um segredo sussurrante.

Mas entre dois palácios  
Arde adentro o sol do anoitecer,  
Flamejando ele expele um ofuscante  
Largo raio sobre as gôndolas.

Na luz púrpura-vermelha  
Vozes altas, risos ressoantes,  
Gesticulações persuasivas  
E o jogo sacrílego dos olhos.

Um pequeno, curto trajeto  
Impele a vida apaixonadamente  
E se apaga na sombra lá atrás  
Como um sussurrar incompreensível.

**DER GESANG DES MEERES**

Wolken, meine Kinder, wandern gehen  
 Wollt ihr? Fahret wohl! Auf Wiedersehen!  
 Eure wandellustigen Gestalten  
 Kann ich nicht in Mutterbanden halten.

Ihr langweilet euch auf meinen Wogen,  
 Dort die Erde hat euch angezogen:  
 Küsten, Klippen und des Leuchtturms Feuer!  
 Ziehet, Kinder! Geht auf Abenteuer!

Segelt, kühne Schiffer, in den Lüften!  
 Sucht die Gipfel! Ruhet über Klüften!  
 Brauet Stürme! Blitzet! Liefert Schlachten!  
 Traget glühnden Kampfes Purpurtrachten!

Rauscht im Regen! Murmelt in den Quellen!  
 Füllt die Brunnen! Rieselt in den Wellen!  
 Braust in Strömen durch die Lande nieder –  
 Kommet, meine Kinder, kommet wieder!

**O CANTO DO MAR**

Nuvens, minhas crianças, ir caminhar  
 Quereis? Ficai bem! Até mais ver!  
 Vossas formas com desejo de transformação  
 Não posso segurar em laços maternos.

Vos aborreceis sobre minhas ondas,  
 Lá, a terra vos atraiu:  
 Costas, rochedos, e do farol o fogo!  
 Ide, crianças! Buscai aventuras!

Velejai, capitães audaciosos, pelos ares!  
 Procurai os cumes! Descansai sobre precipícios!  
 Formai tempestades! Relampejai! Travai batalhas!  
 Usai da luta ardente os trajes púrpuras!

Rumorejai na chuva! Sussurrai nas fontes!  
 Enchei os poços! Chuviscai nas ondas!  
 Bramai em torrentes descendo por entre as terras –  
 Vinde, minhas crianças, vinde novamente!

**ZWEI SEGEL**

Zwei Segel erhellend  
 Die tiefblaue Bucht!  
 Zwei Segel sich schwellend  
 Zu ruhiger Flucht!

Wie eins in den Winden  
 Sich wölbt und bewegt,  
 Wird auch das Empfinden  
 Des andern erregt.

Begehrt eins zu hasten,  
 Das andre geht schnell,  
 Verlangt eins zu rasten,  
 Ruht auch sein Gesell.

**DUAS VELAS**

Duas velas clareando  
 A baía azul-profunda!  
 Duas velas entumecendo  
 Para fuga tranquila!

Quando uma nos ares  
 Se arqueia e se movimenta  
 Também é o sentimento  
 Da outra despertado.

Deseja uma se precipitar,  
 A outra vai rapidamente,  
 Pede uma para descansar,  
 Descansa também sua parceira.

*Submetido: 31 ago. 2017.  
 Aprovado: 26 fev. 2017.*